



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Um rapazinho trabalhador

Por J. F. S., desenhos de CASTAÑÉ

— **C**Á está o «The Weekly Herald» com as últimas notícias do dia! Quem compra o meu jornal?... Saíu agora!...

Era com este preção que, em 1860, um rapazinho, sobraçando jornais, corria dum extremo ao outro a vasta estação do caminho de ferro do Canadá (América do Norte), onde exercia, também, a função de carregador de bagagens nos vagões que faziam o trajecto *Canadá - Michigan - Central*.

— «Tomás! — (chamou um dos passageiros) — dá-me um exemplar...»

O pequeno passou-lhe, imediatamente, o jornal e o comprador pagou com uma moe-

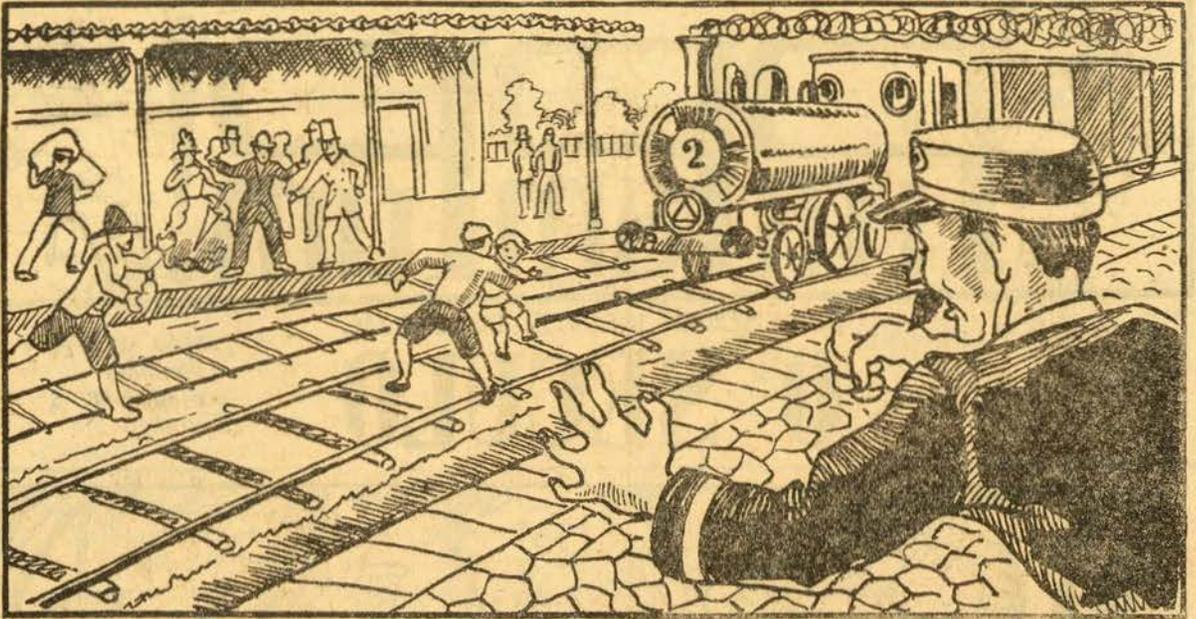


da, cujo trôco não quiz receber.

— «É para aumentar a tua empresa, meu herói... — (e pôs-lhe amigavelmente a mão sobre o ombro. Lançando os olhos sobre o jornal, continuou):

— «Ah! mas o periódico faz progressos!...»

— «Sim, meu senhor — (respondeu o pequeno, em cujo olhar, franco e penetrante, se adivinhava uma inteligência invulgar e um grande espírito de observação) — comprei uma modesta tipografia, combinando com uma agência informadora fornecer-me as últimas notícias em cada estação principal onde parar o comboio. Desta fer-



ma, venderei mais exemplares e aumento o meu lucro».

Fazendo uma vénia ao passageiro, Tomás prosseguiu a distribuição do jornal, por todos acolhido com manifesta simpatia.

A certa altura, o comboio deu o sinal de partida. O pequeno saltou para um dos vagões e lá foi no desempenho do seu serviço.

Fôra constrangido a aceitar aquele emprego, abandonando a escola primária, em virtude de seus pais serem pobríssimos.

Ao princípio, com a mira de obter mais proventos, limitara-se a vender periódicos, frutas e bolos nas estações, mas depois passára a escrever, imprimir e vender, êle próprio, um pequeno jornal, montando a redacção e a tipografia no próprio vagão em que viajava.

Casualmente veio-lhe parar às mãos um tratado de química. Tomás interessou-se de tal maneira por essa ciência que, para a estudar melhor, montou, com os lucros do jornal, um pequeno laboratório num canto escuro do vagão.

— «Fôgo! fôgo!...»

Marchava o comboio a toda a velocidade quando se ouviram aqueles gritos. Passageiros e pessoal saíram apressadamente das carruagens, verificando que no vagão em que viajava o jóvem jornalista se declarara um incêndio. A breve trecho foram pasto das chamas todos os utensílios da redacção, tipografia e laboratório.

— «Como foi isto?» — inquiriu o condutor do comboio, possuído da maior indignação.

Foi esta garrafa que tombou devido à velocidade do comboio. Como ela continha fósforo, pro-

pagou o fôgo aos papeis e a tudo mais...» — respondeu o rapaz.

— «Vais ser despedido» — replicou, sêcamente, o condutor.

Comquanto assim succedesse, Tomás não desanimou, passando a trabalhar por sua conta nas estações.

Encontrava-se, certo dia, na estação de *Port-Huron*, quando ouviu gritos lancinantes, pedindo socorro. Voltando-se, viu avançar um comboio rápido, ao mesmo tempo que uma criança atravessava, descuidadamente, a linha.

Era tempo. Com o risco da própria vida, Tomás agarrou o pequenito, saltando para o lado oposto, precisamente quando o comboio passava como uma seta...

— «Devo-te a vida de meu filho, e ser-te-hei, por isso, eternamente reconhecido» — disse o chefe da estação, ao mesmo tempo que abraçava Tomás.

De facto, a partir dêsse momento, aquele homem foi para o antigo bagageiro um verdadeiro protector. Ensinou-lhe tudo quanto sabia de electricidade e telegrafia. Com êsses conhecimentos, conseguiu Tomás ser nomeado telegrafista da estação. Lendo, estudando e lutando sempre, inventou o processo de fazer passar, ao mesmo tempo, e em sentido contrário, duas notícias pela mesma linha de telégrafo. As primeiras experiências não deram resultado, mas Tomás teimou e, passado tempo, obteve completo êxito. Experimentou, depois, também com vantagem, um outro aparelho para o mesmo fim, mas aperfeiçoado. Como recompensa, nomearam-no engenheiro.



MIMO EXCESSIVO

■ POR AUGUSTO DE SANTA RITA ■



o seu instinto materno,
em louco arrebatamento,
de encontro ao regaço terno,
com tal fúria o apertava,
que o filho, por asfixia,
àquele abraço tão forte
sucumbia.

A' fôrça de idolatria,
a mãe causara-lhe a morte.

*dêste conto pequenino?
Eu vos direi:—Que é um mal
todo o amor em desatino,*

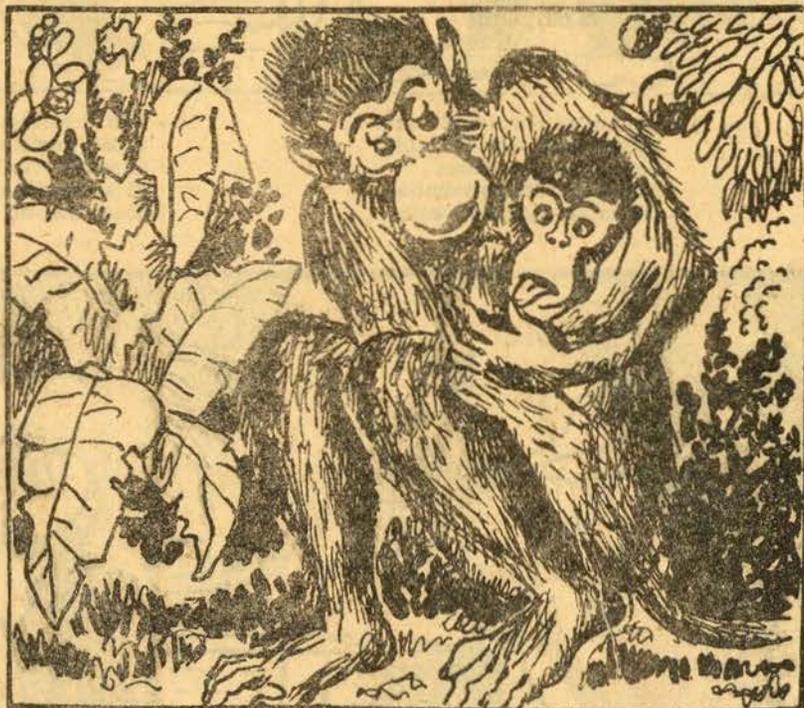
*Que o mimo quando excessivo,
é quasi sempre daninho,
Não fora êle e ainda vivo
estaria o macaquinho!*

*Em vista dêste ditame,
não deveis, pots, estranhar,
—(embora muito vos ame)—
a mãe não vos amimar!*

Onde se encontra, menino,
que me estais lendo, a moral

■ F I M ■

CERTO dia, uma macaca
à qual nascera um filhinho,
que só tinha uma semana,
e que viera de Ambaca,
linda cidade africana,
dava guinchos, de contente,
em face do macaquito.
Embora aos olhos da gente
o macaco fôsse feio,
aos olhos da mãe, êle era
imensamente bonito;
(—pudera,
pois se era mãe! —)
Porêm,
olhava-o com tal enleio,
beijava-o com tal ardôr,
apertando-o contra o seio,
que se diria
ela havia
endoidecido de amor.
A' falta de entendimento,



Quando do primeiro insucesso, os seus superiores julgaram-no louco, despedindo-o do serviço ferro-viário.

Como entretanto, se multiplicavam os seus inventos e corria a sua fama, a União dos telégrafos do Oeste pôs à disposição de Tomás, então com 23 anos, as oficinas de *Meuto Park*. Depois, fez construir, em Orange, um vasto laboratório donde saíram as notáveis invenções do fonógrafo, carro eléctrico, lâmpada electrica, arco voltaico, telefone de pilha, máquina dínamo electrica, megafone, taxímetro, etc.

Quem foi êste homem tão célebre? Os nossos pequenos leitores tê-lo-hão adivinhado:—foi Tomás

Alva Edison, o maior sábio e inventor do século XX, falecido em Orange (América do Norte) a 18 de Outubro de 1931, com 84 anos de idade.

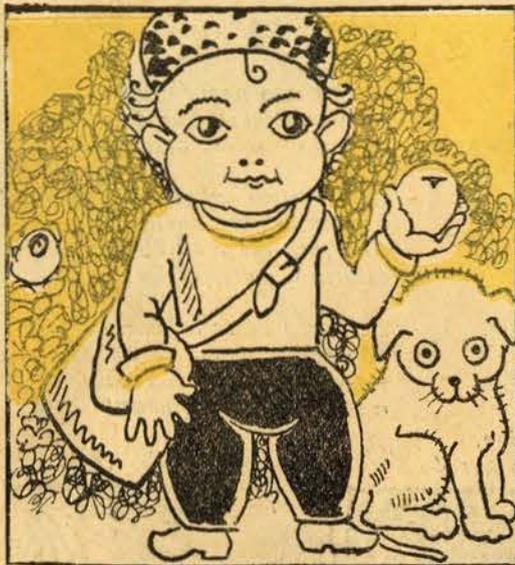
Senhor duma grande fortuna, ganha à custa dum extenuante esforço, em favor da ciência e da humanidade, nunca Edison deixou de ser o mesmo amigo do estudo, o mesmo trabalhador incançável, o mesmo espírito cheio de tenacidade que deixou antever, quando era rapazinho bagageiro e jornalista precoce.

Desprezando glórias e honrarias, vivia modestamente, querendo que o tratassem como simples electricista.

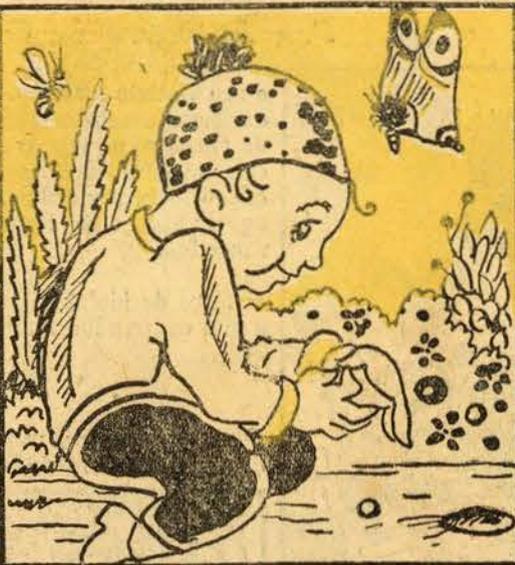
O seu exemplo é digno de imitação. A sua memória deve ser lembrada e respeitada.

■ F I M ■

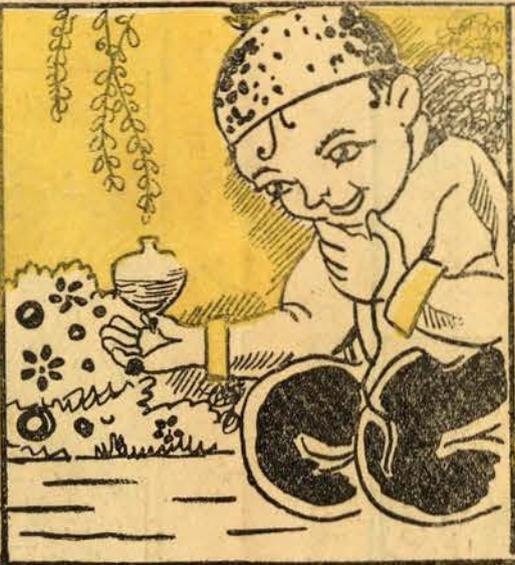
A CABULICE DO "ZEZINHO"



I — Grande cábula, o «Zezinho» volta e meia falta à Escola, ficando pelo caminho, a roubar fruta ao vizinho ou, então, jogando à bola.



II — Não se emenda o mandrião... O pai promete-lhe um brinde se estudar... Mas tudo em vão! Fica jogando o «Berlinda» acocorado no chão.



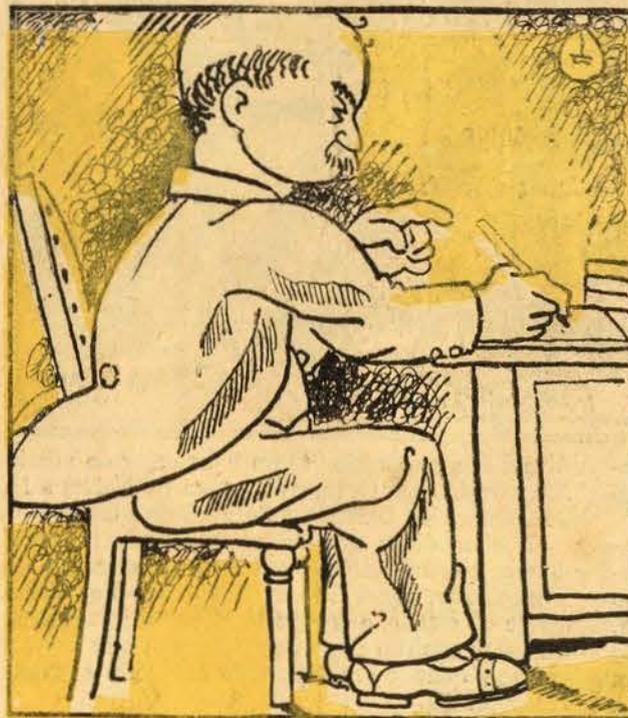
III — Quando lhe ralham ou quando a mãe lho tira, estanhado, ao seu vizinho Fernando pede o pião emprestado e passa o dia jogando.



IV — Outras vezes, quando Maio apresenta o Céu azul, e o Sol espande o seu raio dourado, vivo e táfal, lança ao ar um papagaio.



V — A dar lição, a estudar, para fazer bom exame, prefere andar a apanhar, em ratoeiras de arame, as avezinhas do ar!



VI — Informado de que sai de casa muito cedinho, mas à Escola raro vai, o professor do «Zezinho», resolve escrever ao pai.



VII — O pai, que todo se exalta, ao telefone correndo, combina, então, em voz alta, que ele, não comparecendo, justificaria a falta.



VIII — Ouvindo tal, logo após, o Zé, no dia seguinte, vai a casa dos avós, pede o Norte mil e vinte, e diz, engrossando a voz:



IX — «Quem fala daí?... Daqui é da casa do «Zezinho». O aviso que prometi... O pequeno, doentinho, hoje não pode ir aí.»

X — «Quem fala? Quem é que está telefonando-me?» (Então pergunta o mestre, de lá). Volve o Zé, num vozeirão: — «Daqui fala o meu papá!»

CORRESPONDENCIA

PARA OS MENINOS COLORIREM

Manuel dos Santos Figueiredo Júnior — Recebemos a tua poesia destinada ao Concurso. Falta, porém, saber a idade que tens. Não basta indicar a série a que pertence.

Dinah Fontes Machado — Recebemos o conto para o Concurso.

Nana — Idem.

Fernando Alcobia — Falta a série e a idade.

A. M. Benito — Recebemos as duas produções destinadas ao Concurso.

Vila Rosa — Monção — Recebemos o «Conto Maravilhoso». Oxalá assim seja.

A. G. B. — Recebemos a poesia para o Concurso.

Marta Pia — Em resposta á sua pergunta temos a dizer-lhe que é escusado indicar a idade, visto pertencer á série C. Só os das séries A e B é que a devem indicar, para que lhes seja feita inteira justiça.

Fernando Ó — O teu alvitre terá realização brevemente. Os desenhos e problemas serão publicados a seu tempo.

Tio Paulo



CONCURSOS MENSAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

A T E N Ç Ã O

O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de participar, aos seus pequeninos e grandes leitores, que, até ao fim de cada mês, se encontram abertos sucessivos CONCURSOS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS, segundo a seguinte ordem:

- 1.º CONCURSO: — UMA POESIA INFANTIL
2.º » UM CONTO INFANTIL

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos, enviarão os seus trabalhos com a designação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série A que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de 14 a 18 anos de idade, enviarão os seus trabalhos com a designação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série B que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a indicação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série C, sob que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção

No próximo número publicaremos a lista dos prémios

do Pim-Pam-Pum, Rua do Século 43, acompanhada dum envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação do Concurso 1.º ou 2.º e Série A, B ou C, conforme o disposto nas condições estabelecidas e contendo interiormente o nome, morada e idade do concorrente.

O «Pim-Pam-Pum» publicará, durante o mês imediato ao do concurso, todas as produções que obtiverem os primeiros prémios, acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas aquelas que o «Pim-Pam-Pum» entenda merecerem publicação.

Está, pois, desde já aberto o

PRIMEIRO CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

cujo prazo, para entrega de originais, termina no próximo dia 30 de Abril. No dia 6 de Maio será dado o resultado do concurso e no dia 13 publicadas as produções que tiverem obtido os seis primeiros prémios das Séries A, B, e C.

O Polichinelo do Henriquinho



Por FELIX GATO
DESENHOS DE CASTANÉ



PELO passeio da rua, acompanhado de Amália, sua áia, o Henriquinho seguia lentamente, sem desviar a vista do grande polichinelo que levava na mão.

— «Vamos, depressa!... (recomendava-lhe Amália, de momento a momento). — E' já bastante tarde.»

Depois de haverem atravessado algumas ruas, deparou-se, em frente da áia e do Henriquinho, um ceguinho que, de mão estendida, humildemente implorou: — «Uma esmolinha, pelo amor de Deus!»

Rua fóra, com seus vestidos arrastando, seguiam grupos de senhoras, despreocupadamente, satisfeitas, talvez na expectativa duma secção num cinema onde um célebre filme as tentara, ou



A esqualida e ossuda mão do pobre cego, impressionou tão sensivelmente o coração de Henriquinho, que o fez procurar num bôlso, embora baldadamente, a esmola solicitada.

— «Amália, (disse, então, para a áia) dá-me alguma coisa para dar ao ceguinho.»

Contudo, cheia de pena, ela verifica, também, que nada leva consigo.

Num desapontamento, o Henriquinho crava de novo os olhos na mão suplicante, implorando numa ansiedade a esmola que de nenhuma parte lhe vem.

— «Pelo amor de Deus, senhoras, uma esmolinha!...»

Súbitamente, Henriquinho, num gesto rasgado, vendo-se sem dinheiro para dar ao ceguinho, levanta o braço e põe o polichinelo na mão do infeliz mendigo.

— «Que é isto!?...» pergunta,

surpreso, o cego, tateando o boneco.

Amália, enternecida, com os olhos marejados de lágrimas, elucidado-o, explicando-lhe o generoso motivo da oferta de Henrique.

Entre soluços, que obrigam os transeúntes a parar, o cego abraça o pequenino exclamando:

— «Deus te abençõe, anjinho da Terra! Em toda a minha vida, a mais linda esmola que recebi, foi esta!»

Um dos sujeitos que presenciara a cena, dirigindo-se ao ceguinho, exclamou comovido: — «Venha comigo, bom homem, que, de hoje em diante nada lhe faltará, graças ao belo exemplo que este bom menino me deu!»

E Henriquinho, ao lado de sua áia, voltou para casa, satisfeito, entre as aclamações dos circunstantes.



dum projectado passeio divertido e nem sequer reparavam no pobre cego que, em voz implorativa, tornava insistentemente: — «Uma esmolinha pelo amor de Deus!...»

Ouvindo a triste e dolorosa súplica, Henriquinho desviou os olhos do polichinelo e fitou-os no infeliz ceguinho.

F I M